

O ROMANCE EPISTOLAR DE INA VON BINZER: UM DOCUMENTO DE INTERCULTURALIDADE BRASILEIRO-ALEMÃ

Autora: Lisanea Weber Machado (lisaneaweber@gmail.com)

Orientador: Prof. Dr. Christoph Schamm

Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Área de Concentração: Literaturas de Língua Alemã

Date da Defesa: 25.01.2010

Palavras-chave: Ina von Binzer, Romance Epistolar, Educação, Identidades, Alteridades.

A educadora alemã Ina von Binzer emigrou para Brasil e aqui permaneceu entre os anos 1881 e 1884. Usando o pseudônimo de Ulla von Eck, ela escreve cartas que mais tarde são publicadas sob o título *Os meus romanos: alegrias e tristezas de uma educadora alemã no Brasil*. O livro propõe uma evocação da vida patriarcal no Brasil do século XIX através dos olhos de uma viajante que, por ser mulher, tinha mais acesso à vida social das famílias brasileiras que seus patrícios viajantes e, por isso, pôde relatar com bastante acuidade cada detalhe de sua rotina, de seu trabalho como educadora, de seus alunos, escolas, patrões e escravos, e da sociedade em si.

O título da dissertação sugere que a obra da viajante Ina transita em espaços interdisciplinares duplamente privilegiados, classificando-se sob gêneros literários distintos, interpretados como romance epistolar e/ou como literatura de viagem. Assim, a partir das considerações de Míriam Lifchitz Moreira Leite (1997) e de Ilka Boaventura Leite (1996), iniciamos nossa pesquisa primeiramente com uma abordagem acerca do tema viajantes a fim de compreendermos melhor o discurso da viajante Ina, que herda características tanto da literatura típica masculina quanto feminina, literatura essa que só

teve sua ascensão a partir do final do século XIX, quando os escritos femininos de viagens passaram a constituir um novo gênero literário. Encerramos essa seção do trabalho debatendo a temática da viagem: *viagem na literatura e literatura na viagem*. A autora “viaja na literatura” à medida que ficcionaliza sua narrativa, concedendo a ela o estilo embelecido da ficção, na qual a emoção e a subjetividade tomam conta; por outro lado, ela também, por vezes, compõe uma escrita na qual se afasta do ficcional e parte em busca da objetividade, típica da literatura de viagem masculina.

O debate em torno da literatura de viagem e viagem na literatura leva-nos ao questionamento que integra o próximo capítulo; é a obra de Ina von Binzer um documento de viagem ou romance epistolar? Essa pergunta só pode ser respondida através da análise dos vários discursos presentes na sua narrativa; são eles o discurso naturalístico-paisagista, o discurso pedagógico e o discurso econômico.

Ao mapearmos os textos da viajante Ina, analisamos sua discursividade e identificamos uma diversidade de discursos. O primeiro deles, o discurso naturalístico-paisagista revela tanto um lado romanesco de suas cartas, quanto logra apontar também características típicas de um travelogo. Sua narração torna-se auto-reflexiva, típica de um romance em cartas, quando a autora dialoga com a paisagem; já ao fazer descrições da natureza em tom de diagnóstico, fornecendo detalhes miúdos da fauna e flora, ela deixa de ser a escritora-romântica para tornar-se a escritora-naturalista. As reflexões que compõem esse capítulo foram estabelecidas a partir dos conceitos de Flora Süssekind (2000), que propõe um diálogo entre escritos de viagem e narrativas românticas.

O enfoque pedagógico das cartas de Ina permite-nos compreender como era a educação em nosso país no fim do século XIX, além de suscitar uma série de questões e discussões sobre o atual processo educacional em nosso país. No seu discurso

pedagógico a educadora Ina critica a falta de interesse dos alunos, a metodologia brasileira, o baixo salário, as poucas horas vagas para descanso, além de mostrar-se igualmente preocupada com a educação feminina, que era depreciada em relação à educação dos meninos, e das crianças negras, que era inexistente. Esse discurso também deixa em alguns momentos de ser objetivo e analítico, principalmente quando Ina se desfaz de seu papel de educadora para fazer reflexões sobre sua vida, deixando transparecer suas angústias e inquietações.

O último discurso presente na obra de Ina diz respeito à situação política e econômica em nosso país antes da Abolição da Escravatura e da Proclamação da República. Na opinião da professora, a abolição sem o preparo do negro para a liberdade teria consequências sociais catastróficas para o país, pois os negros libertos tornar-se-iam, segundo ela, “elementos nocivos, ou, na melhor das hipóteses, inúteis” para a sociedade (BINZER, 1994, p. 155). Outro problema apontado pela educadora em relação à abolição diz respeito à mão-de-obra, uma vez que haveria no país uma extinção das forças trabalhadoras no campo. Ao mesmo tempo, ela enxerga a prática da escravatura como um contra-senso à civilidade. Em princípio, ela desaprova a escravidão e deseja que seja abolida, mas reconhece que, sem ela, o país prejudicar-se-ia economicamente.

Como viajante, Ina atravessou não só fronteiras geográficas, históricas, políticas, econômicas e sociais, mas também fronteiras culturais. Sua escrita cumpre, então, um papel de afirmação cultural, à medida que a autora se torna agente construtora de identidades e alteridades das culturas alemã e brasileira, baseadas na sua nacionalidade, raça e religião. Brasil e Alemanha tornam-se, assim, polaridades culturalmente distantes. A interculturalidade, último capítulo da dissertação, abrange todos os

discursos até aqui mencionados. Desta maneira, vemos uma possibilidade de leitura de *Os meus romanos* também como documento cultural; daí a razão do título do presente trabalho ser *O romance epistolar de Ina von Binzer – um documento de interculturalidade brasileiro-alemã*, pois, ora autora romântica, ora autora documental, ela é, em ambos os casos, uma autora intercultural.

Referências

BINZER, Ina von. **Os Meus Romanos**: Alegrias e tristezas de uma educadora alemã no Brasil. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

LEITE, Ilka Boaventura. **Antropologia da Viagem**. Belo Horizonte: UFMG, 1996.

LEITE, Míriam Lifchitz Moreira. **Livros de Viagem (1803-1900)**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

SÜSSEKIND, Flora. **O Brasil não é Longe Daqui**: O narrador, a viagem. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.